

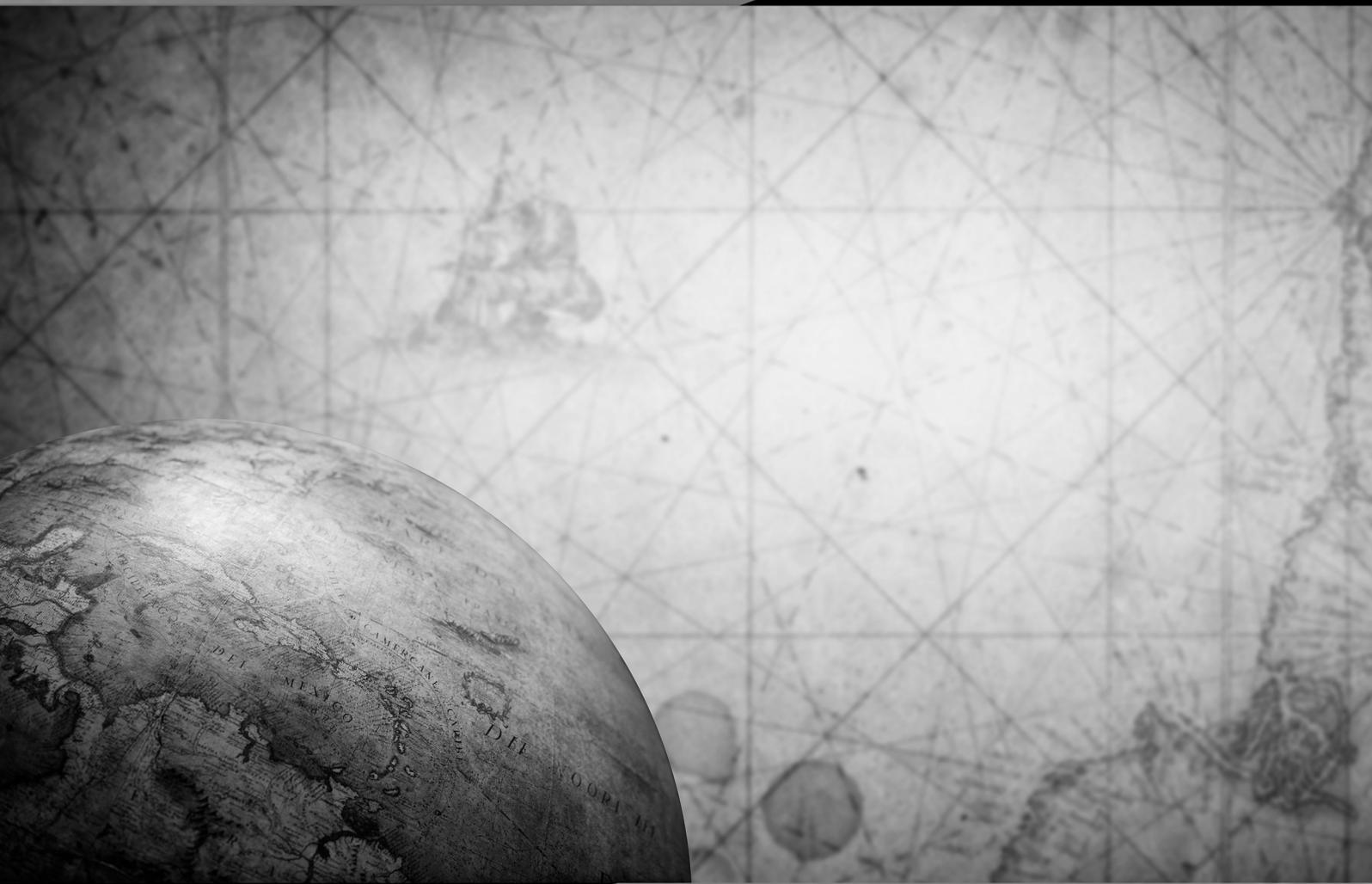
A DIVERSIDADE E AS QUESTÕES POLÍTICAS, HISTÓRICAS E CULTURAIS



**Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)**

Atena
Editora
Ano 2020

A DIVERSIDADE E AS QUESTÕES POLÍTICAS, HISTÓRICAS E CULTURAIS



**Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)**

Atena
Editora
Ano 2020

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Lorena Prestes

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano

Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás

Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná

Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Fernando José Guedes da Silva Júnior – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
 Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
 Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
 Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
 Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
 Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
 Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
 Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
 Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
 Prof. Me. Douglas Santos Mezacas -Universidade Estadual de Goiás
 Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
 Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
 Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
 Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
 Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
 Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
 Prof. Me. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
 Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
 Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
 Profª Ma. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
 Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
 Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
 Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
 Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
 Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual de Maringá
 Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
 Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
 Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
 Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
 Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

D618 A diversidade e as questões políticas, históricas e culturais [recurso eletrônico] / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia.

ISBN 978-65-86002-67-6

DOI 10.22533/at.ed.676202003

1. Ciências sociais. 2. Igualdade. 3. Psicologia social.
 4. Tolerância. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza.

CDD 302

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná - Brasil

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Mudanças tecnológicas no século XXI fronteiras se aproximam por meio do mundo virtual, com elas intensificam migrações, as desigualdades, a globalização capitalista, os fundamentalismos, a luta pela terra e pela igualdade de direitos assumem outros formatos. Com ela transformam as formas de resistência com novas estratégias para um acelerada exploração capitalista, enfrentamento ao racismo, ao machismo, xenofobia, à LGBTIfobia, fundamentalismo político e religioso, à intolerância religiosa se intensificam pelos diferentes espaços do mundo. Fronteiras são quebradas e passagens são rompidas por uma vida cibernética, mudam se as relações das pessoas, os negócios entre os países, ideologias, posicionamentos políticos e governos. Circularam e aproximaram novos olhares sobre o mundo, conceitos, preconceitos, sustentabilidade. Aproximaram e fizeram circular visões de mundo, valores, sujeitos, conceitos, preconceitos, visões sobre o meio ambiente, sobre a sustentabilidade. Vários foram os motivos que o foco mudou, sujeitos sociais passam buscar o seu lugar de fala, seu protagonismo social e político, organizados ou não em movimentos sociais. E quando se organizam, estão vinculados àqueles que levantam bandeiras emancipatórias de gênero, raça, idade, deficiência. Esse conceito de emancipação versa em uma articulação de perspectivas que combinam desde a visão democrática-igualitarista de sociedade, a uma visão socialista e, até mesmo, políticas públicas para a diversidade.

Aprofundar o debate sobre sexualidade e gênero na sala de aula contribui para uma educação mais inclusiva, equitativa e de qualidade. É o que diz comunicado divulgado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) no Brasil. No texto, a Unesco propõe que a legislação e os planos educacionais brasileiros incorporem perspectivas de educação em sexualidade e gênero. De acordo com o comunicado, isso se torna ainda mais importante porque a educação é compreendida como processo de formar “cidadãos que respeitem as várias dimensões humanas e sociais sem preconceitos e discriminações”. De acordo a Unesco, o ensino de gênero nas escolas é primordial para prevenir e extirpar toda e qualquer forma de violência, em especial a violência de gênero. “Diante de recentes fatos ocorridos no país, no que se refere à violência sexual, a Unesco no Brasil reafirma seu compromisso com a garantia dos direitos das mulheres e da população LGBT [Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros], sendo contrária a toda forma de discriminação e violação dos direitos humanos em qualquer circunstância e, em especial, em espaços educativo.” O assunto é polêmico e alvo de embates entre entidades ligadas a direitos humanos e grupos religiosos, que alegam, entre outros argumentos, que o debate de gênero incentiva a homossexualidade. A questão chegou a ser excluída do Plano Nacional de Educação (PNE) por pressão de parlamentares conservadores, e de planos estaduais e municipais de educação. Os planos definem metas e estratégias para a educação desde o ensino infantil até a pós-

graduação e tratam também da formação de professores e financiamento do setor. As metas devem ser cumpridas até 2024. Para a Unesco, debater essas questões em sala de aula é fundamental para que homens e mulheres, meninos e meninas tenham os mesmos direitos. A intenção é que as escolas ensinem aos estudantes que todas as pessoas são iguais, independentemente da identidade de gênero, e que existem diversas orientações sexuais, que devem ser respeitadas. “As desigualdades de gênero, muitas vezes evidenciadas pela violência sexual contra meninas, expõem a necessidade de salvaguardar marcos legais e políticos nacionais, assim como tratados internacionais, no que se refere à educação em sexualidade e de gênero no sistema de ensino do país”, diz a agência das Nações Unidas. Um dos compromissos dos países-membros da Organização das Nações Unidas é garantir o cumprimento da Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável, adotada pelo Brasil e todos os outros Estados-membros da ONU em 2015. Entre os 17 objetivos globais da agenda, está a garantia de ambientes de aprendizagem seguros e não violentos, inclusivos e eficazes, e a promoção da educação para a igualdade de gênero e os direitos humanos. Em março, a Unesco divulgou o Atlas de Desigualdade de Gênero na Educação, que mostra que, no mundo, quase 16 milhões de meninas entre 6 e 11 anos nunca irão à escola. O número é duas vezes maior que o de meninos. Entre eles, no mundo, 8 milhões nunca frequentarão as salas de aula.

Desejo a todos uma boa leitura e que os artigos aqui reunidos sejam fonte de inspiração para reflexões sobre o lugar do pesquisador e da pesquisa na produção em A DIVERSIDADE E AS QUESTÕES POLÍTICAS, HISTÓRICAS E CULTURAIS.

Solange Aparecida de Souza Monteiro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
GÊNERO E PRISÃO: OS IMPACTOS DO SISTEMA PRISIONAL SOBRE A DESIGUALDADE SOCIAL E INVISIBILIDADE DA MULHER ENCARCERADA NO ESTADO DE ALAGOAS	
Bruna Araújo de Melo Ferreira Ialy Virgínia de Melo Baía	
DOI 10.22533/at.ed.6762020031	
CAPÍTULO 2	16
GÊNERO, CIDADANIA E EDUCAÇÃO NA FORMAÇÃO DOS MOTORISTAS BRASILEIROS	
Carla Rezende Gomes	
DOI 10.22533/at.ed.6762020032	
CAPÍTULO 3	27
CONSTRUÇÃO SOCIAL DOS GÊNEROS E SUA INFLUÊNCIA NOS RELACIONAMENTOS SORODIFERENTES PARA O HIV/AIDS	
Celestino José Mendes Galvão Neto Juliana Rodrigues de Albuquerque Ana Alayde Werba Saldanha	
DOI 10.22533/at.ed.6762020033	
CAPÍTULO 4	38
A VIOLÊNCIA E SUAS DIFERENTES FORMAS	
Gustavo Nogueira Dias Wagner Davy Lucas Barreto Gilberto Emanuel Reis Vogado Eldilene da Silva Barbosa Natanael Freitas Cabral	
DOI 10.22533/at.ed.6762020034	
CAPÍTULO 5	48
O PRECONCEITO E A DISCRIMINAÇÃO NA ESCOLA	
Solange Aparecida de Souza Monteiro Paulo Rennes Marçal Ribeiro Célio Marcos Colombo Molteni depois de Paulo Melissa Camilo Débora Cristina Machado Cornélio Valquiria Nicola Bandeira Marilurdes Cruz Borges Fernando Sabchuk Moreira	
DOI 10.22533/at.ed.6762020035	
CAPÍTULO 6	67
MASCULINIDADE HEGEMÔNICA E VIOLÊNCIA DE GÊNERO(S): DIÁLOGO INTRODUTÓRIO ENTRE SIMMEL E TEORIA QUEER	
Adriana Nolibos Baccin	
DOI 10.22533/at.ed.6762020036	

CAPÍTULO 7	79
MULHERES À MARGEM DA MATERNIDADE NA LITERATURA NEGRA	
Fernanda Mota Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.6762020037	
CAPÍTULO 8	89
PRODUÇÃO LEGISLATIVA FEMININA NA CÂMARA DOS DEPUTADOS DA 55ª LEGISLATURA (2015-2018)	
Jonas Modesto de Abreu	
Daliila Rodrigues Barros	
Leonardo Aires de Castro	
DOI 10.22533/at.ed.6762020038	
CAPÍTULO 9	100
MORRO DA CONCEIÇÃO: HISTÓRIA DE FÉ E CULTURA QUE SE ENTRELAÇA NO SUBÚRBIO DA CIDADE	
Lucy Patrícia da Silva de Farias	
Severino Barbosa da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.6762020039	
CAPÍTULO 10	112
REPRESENTAÇÃO DE MINORIAS NA CÂMARA DOS DEPUTADOS NA 56ª LEGISLATURA (2019-2022)	
Jonas Modesto de Abreu	
Bruno Henrique Martins de Almeida	
Leonardo Aires de Castro	
DOI 10.22533/at.ed.67620200310	
CAPÍTULO 11	129
RESISTÊNCIA E REVOLUÇÃO: AS MULHERES NA LUTA PELO DIREITO À CIDADE EM SÃO PAULO	
Natália Yukari Mano	
DOI 10.22533/at.ed.67620200311	
CAPÍTULO 12	140
SALAS DE RECURSOS MULTIFUNCIONAIS DAS ESCOLAS MINEIRAS: ENFOQUES LEGAIS SOBRE AS ATRIBUIÇÕES DOS PROFESSORES	
Aline Claudino de Castro	
Débora Felício Faria	
DOI 10.22533/at.ed.67620200312	
CAPÍTULO 13	152
TRANSVESTIGENES CONTRA O ESTADO	
Beatriz Souza de Araujo	
Dhiego Felipe Pereira Monteiro	
DOI 10.22533/at.ed.67620200313	
CAPÍTULO 14	186
SEXUALIDADES E TRAMAS NARRATIVAS, UM MERGULHO COM ARTISTA LEONILSON	
Karlene da Silva Andrade	
Juliana Silva Chagas	
DOI 10.22533/at.ed.67620200314	

SOBRE A ORGANIZADORA..... 195

ÍNDICE REMISSIVO 196

MASCULINIDADE HEGEMÔNICA E VIOLÊNCIA DE GÊNERO(S): DIÁLOGO INTRODUTÓRIO ENTRE SIMMEL E TEORIA QUEER

Data de aceite: 17/03/2020

Data da submissão: 03/12/2019

Adriana Nolibos Baccin

Professora Efetiva da Universidade do Estado de Mato Grosso/Faculdade de Ciências da Saúde Cáceres/MT

Doutoranda em Sociologia pela Universidade Federal de São Carlos/Programa de Pós-Graduação em Sociologia São Carlos/SP

https://www.cnpq.br/cvlattesweb/PKG_MENU.menu?f_cod=3D5C619C961CCE15E4E5B26BB5FF9769

RESUMO: Este artigo é fruto de algumas discussões emergentes do grupo de pesquisa Diferença, Raça, Gênero e Corpo (DRaGC-UNEMAT- Campus de Cáceres/MT), sendo a pesquisadora a líder do mesmo. Nesse sentido, ao discutirmos sobre relações de gênero em várias literaturas, chamou-nos atenção as ideias de Georg Simmel (1858-1918) sobre as diferenças entre os sexos, sistematizadas e organizadas em seu livro “Filosofia do Amor”. Pensando nessas diferenciações expostas pelo autor e normalizadas até hoje, propusemos problematizar suas categorias binárias junto ao que vem sendo discutido e desconstruído pela Teoria *Queer* em relação a estas questões, aqui representada, principalmente, com as

contribuições de Judith Butler em seu livro “Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade”, ainda que tomaremos vozes junto a outrxs autorxs. A proposta deste foi desenhada almejando então provocar um diálogo entre Simmel, com seus conceitos elaborados no final do séc. XIX e início do séc. XX e Butler com suas elucubrações atuais (séc. XXI), porém tendo consciência do momento histórico-social-cultural que xs autorxs estão/ estavam inseridxs. O diálogo entre Simmel e Butler será o foco principal, porém chamaremos ao debate também, ainda que brevemente, já que estamos falando de masculinidade hegemônica e de violência de gênero, índices de violência do município de Cáceres/MT (lôcus do grupo de pesquisa) para ampliarmos e provocarmos outras discussões.

PALAVRAS-CHAVE: Georg Simmel; Judith Butler; Teoria Queer; Masculinidade hegemônica; Violência de gênero(s).

HEGEMONIC MASCULINITY AND GENDER VIOLENCE: INTRODUCTORY DIALOGUE BETWEEN SIMMEL AND QUEER THEORY

ABSTRACT: This article is the result of some emerging discussions of the research group Difference, Race, Gender and Body (DRaGC-UNEMAT- Campus of Cáceres / MT), being the researcher the leader of it. In this sense, when

discussing gender relations in various literatures, we were struck by Georg Simmel's (1858-1918) ideas about the differences between the sexes, systematized and organized in his book "Philosophy of Love." Thinking about these differentiations exposed by the author and normalized to this day, we proposed to problematize their binary categories along with what has been discussed and deconstructed by Queer Theory in relation to these issues, represented here, mainly, with the contributions of Judith Butler in her book "Problems of Gender: feminism and subversion of identity", although we will take voices with other authors. The proposal was designed aiming to provoke a dialogue between Simmel, with his concepts elaborated at the end of the century XIX, and early century XX and Butler with their current (XXI century) enlightenments, but aware of the historical-social-cultural moment in which the authors are / were inserted. The dialogue between Simmel and Butler will be the main focus, but we will also bring to the debate, albeit briefly, since we are talking about hegemonic masculinity and gender violence, violence rates in the municipality of Cáceres / MT (research group locus) to broaden and provoke further discussions.

KEYWORDS: Georg Simmel; Judith Butler; Queer theory; Hegemonic masculinity; Gender violence.

1 | NOTAS INTRODUTÓRIAS

Começamos este salientando o momento histórico tão diferente entre xs autorxs em discussão, talvez por isso, a riqueza das informações aqui contidas. Georg Simmel viveu na Alemanha, no final do século XIX e início do século XX, quando escreveu seus textos organizados no livro "Filosofia do Amor", o qual estaremos elucidando principalmente dois dos textos dele: "O papel do dinheiro nas relações entre os sexos – fragmentos de uma filosofia do dinheiro" escrito em 1898 e "Cultura Feminina" escrito em 1902. Já Judith Butler, estadunidense, nascida em Ohio, em 1956, é uma das principais teóricas da questão contemporânea do feminismo, da Teoria *Queer*, da filosofia política e ética. Tem mais de 17 obras sobre estas temáticas, incluindo relações de gênero, porém a obra referenciada neste, "Problemas de Gênero: Feminismo e subversão de identidade", a qual fora publicada na década de 90 do século passado.

A proposta deste visa, como já dito, tencionar a afirmação e construção de gênero binário afirmada por Simmel, junto à sua contribuição para a "diferenciação" entre homem(ns), mulher(es), e a desconstrução deste binarismo em Butler, colocando em ebulição esses conceitos junto aos índices de violência de gênero no município de Cáceres, no estado de Mato Grosso, a fim de problematizar e potencializar esta discussão.

A organização deste texto se dará em três momentos: a primeira (e subsequente) inquietação nos levará a fazer uma reflexão acerca das noções e diferenciações entre os sexos, produzidas por Simmel e em um segundo momento, pensar como no século XXI, com Butler, essas discussões foram/estão sendo ressignificadas por pensadorxs feministas, com a Teoria *Queer*. Após, em diálogo com os dois momentos anteriores,

analisaremos alguns indicadores sociais relativos à violência de gênero no município em questão. Vale salientar a limitação deste trabalho, pois categorias sociológicas interseccionais tais como: racialização, classe, religião, indicadores geracionais e geográficos, entre outros, não estarão sendo discutidos aqui, tanto por não ser a proposta inicial, quanto pelo espaço limitado para darmos conta de todas essas discussões.

2 | A CONSTITUIÇÃO DOS PAPEIS SOCIAIS DE HOMENS E MULHERES A PARTIR DA LEITURA SIMMELIANA

“Ouso dizer que às vezes você se espanta com minha maneira independente de andar pelo mundo como se a natureza me tivesse feito de seu sexo, e não do da pobre Eva. Acredite em mim, querido amigo, a mente não tem sexo, a não ser aquele que o hábito e a educação lhe dão”. (Frances Wright, feminista inglesa, em 1822).

A fim de dialogar com esta afirmação acima referenciada, inclusive escrita em um tempo cronológico mais próximo ao de Simmel, o mesmo não afirma somente uma independência do homem, mas sim, uma interdependência que o homem oprime em relação à mulher. O mesmo autor comenta que os homens dominam coletiva e individualmente as mulheres.

Isso reflete desde a esfera pública, quanto privada e atribui privilégios materiais como diz em seus escritos, quando referencia comentários relacionados à compra de mulheres. Simmel diz que a compra de mulheres poderia ser um fator de rebaixamento, como de posição superior “no seio de uma condição inferior” (SIMMEL, 2006, p. 41). Ou seja, um rebaixamento no momento em que há reificação, há opressão da individualidade das mulheres e um tratamento enquanto objeto de negociação e, por outro lado, haveria um fator de elevação social/cultural caso esta fosse vendida “por um bom preço”, revelando assim, seu “valor”.

Há um paradoxo aqui, como nos explica Simmel, pois ao evidenciar que têm um valor, é porque valem alguma coisa, se valem alguma coisa, supostamente, segundo ele, é porque se paga por elas. É evidente que isso é estabelecido pelos padrões sociais e capitais da época e renegociado pelas partes (pai e futuro esposo). Esta estreita condição, entre o dote e a relação do casal, é, para o autor, um ponto de tensão, pois se tratando das relações humanas, o dinheiro nunca deveria ser um mediador.

Ainda o mesmo autor fala que os homens costumam usar plural para falar das mulheres, inclusive de suas esposas, porque “o que nas mulheres interessa particularmente aos homens de sensualidade grosseira é que elas têm de semelhante, da costureira à princesa” (SIMMEL, 2006, p. 53), ou seja os órgãos sexuais. Além disso, o autor dá lugares diferentes às mulheres, conforme as posições sociais “alcançadas” (seja pelo pai ou pelo -futuro- marido).

Simmel ressignifica, porém, as relações de diferenciação, argumentando que esta diferença se constitui de maneira física pequena, porém de maneira simbólica e

subjetiva imensa. Cabe comentar que dito isso, o autor se coloca, quem sabe neste momento, em corroboração em relação às teorias feministas sobre as diferenciações entre os sexos, pois, se afirma que a diferença física entre homens e mulheres é muito pequena, tendo nesta diferença, os órgãos genitais e, ao afirmar que a diferença simbólica e subjetiva é imensa, o autor faz pensar que essa estruturação de diferenciação entre homens e mulheres, nada mais é do que construída com intuito de alcançar e manter privilégios de poder relacionados às relações de gênero. As diferenças são, segundo o autor, sociais, culturais, psicológicas e não naturais, biológicas e inquestionáveis.

Para a época, a qual seus escritos foram publicados, acreditamos ter sido um debate interessante e talvez inédito, tendo em vista que se trata de um homem escrevendo sobre mulheres, porém já havia mulheres, tais como Mariane Weber (1870-1954; esposa do sociólogo Max Weber) e outras as quais usavam pseudônimos masculinos para poderem publicar seus escritos, já tencionando essas diferenciações que tornavam/tornam as mulheres em relação de submissão aos homens.

Nos escritos “Cultura feminina” Simmel fala que a cultura da humanidade não é nada assexuada. Ao contrário, o autor afirma que nossa cultura é inteiramente masculina. “A natureza de nosso trabalho cultural, e não só sua quantidade, se dirige especialmente a energias masculinas, a sentimentos masculinos, a uma intelectualidade masculina” (SIMMEL, 2006, p. 71).

Masculinidade, para Connell (1995) é quase um lugar-comum quando se fala de gênero dos homens. Mas o conceito de “papel masculino” tem vários pontos fracos, tanto em termos científicos quanto práticos. Ele não permite compreender questões relacionadas ao poder, à violência ou à desigualdade material, ou ainda às diferenças sociais construídas pela/através da racialização (a qual não falaremos nesse). Trata-se de um conceito que não deixa ver as complexidades no interior da masculinidade e as múltiplas formas de masculinidades. Masculinidade hegemônica seria uma configuração de prática em torno da posição dos homens na estrutura das relações de gênero em relação, nesse caso às mulheres.

Nessa situação de construção relacional entre gêneros e aqui falamos só do que se constrói como masculino e feminino (pessoas transgêneras, travestis, transexuais, pansexuais, *crossdressers*, agêneras, bigêneras, *genderfuck*, entre outras classificações existentes nos dias de hoje) nem sequer eram reconhecidas, citadas e/ou se “detectadas” eram diagnosticadas como doença. Simmel, como vários autores da época, só reconheciam os gêneros, feminino e masculino, hierarquizados socialmente.

A contribuição que as mulheres poderiam dar à cultura, segundo Simmel, não residiria em assumir tarefas eminentemente ditas masculinas, (ponto chave aspirado pelos movimentos feministas), mas em desenvolver suas capacidades intuitivas e emocionais. Procedendo dessa forma, as mulheres desempenhariam funções jamais conseguidas pelos homens. Como exemplo dessas funções, Simmel cita a medicina

e a história. Essas funções, para o autor seriam um campo feminino cuja atuação dos métodos objetivos (universo masculino) seria esgotável, por exigir grande sensibilidade e intuição do/a profissional que nelas atuaria.

Neste caminho, percebemos o quão atuais, ainda que questionáveis, são algumas das ideias de Simmel. No próximo passo, também conversaremos sobre a hegemonia do masculino, mas compreendendo como ainda se (co)relacionam e como o sujeito central/hegemônico permanece sendo o homem, fazendo com que o feminino seja o gênero e o masculino o universal e por isso, o masculino sem necessidade, supostamente, de classificação.

3 | A DISCUSSÃO DO BINÔMIO “FEMININO-MASCULINO” SOB O PRISMA FEMINISTA CONTEMPORÂNEO DA TEORIA QUEER

[...] Multidões queer... uma multidão de corpos: corpos transgêneros, homens sem pênis, bolachas lobas, ciborgues, fems butchs, maricas lésbicas... A multidão sexual apareceu como sujeito possível da política queer”.

Essa frase retirada do texto “Multidões *Queer*”, de Paul Preciado sinaliza por onde passaremos a falar dos corpos em nosso momento atual da história. Porém, ao pensar nesses, deveríamos perceber que o sexo do ser vivo se converte em um objeto central da política, do poder e da governabilidade.

Butler, em uma das suas discussões com autorxs no livro já mencionado, traz-nos uma desconstrução no mínimo instigante no que tange o conceito de gênero, junto ao processo de construção deste tipo de categorização. Ela menciona no primeiro capítulo, intitulado “Sujeitos do sexo/gênero/desejo” que a própria teoria feminista tem presumido que existe uma identidade definida a qual poderia ser caracterizada como categoria de mulheres.

A autora discorre falando que esta representação tem um lado político que pode ser interessante no sentido de dar visibilidade, porém, “o próprio sujeito das mulheres não é mais compreendido em termos estáveis ou permanentes” (BUTLER, 2003, p. 18). Esses sistemas políticos, em diálogo com Foucault (1977), produzem sujeitos, logo, o que deveria facilitar a emancipação, geraria sujeitos com traços de gênero determinados. A tarefa seria “formular, no interior dessa estrutura constituída, uma crítica às categorias de identidades que as estruturas jurídicas contemporâneas engendram, naturalizam e imobilizam” (BUTLER, 2003, p. 22).

Pensando nestes traços de gênero os quais são e foram construídos nos diferentes contextos históricos, cabe-nos afirmar que hoje é impossível separar essa categoria de outras intersecções sociais e culturais, tais como raça, classe, etnia, sexo, região, religião, questionando ainda mais como é equívoca a noção singular de identidade “feminina”. Butler também coloca em discussão o próprio termo “gênero”, não perdendo de vista que fora importante como marcador de diferenciação em relação ao sexo biológico (homem – pênis/mulher- vagina), porém, sua constituição também

se deu em termos duplos (feminino e masculino, como já comentado em Simmel). A intenção talvez fosse propor uma descontinuidade radical entre corpos sexuados, generificados e culturalmente construídos.

“Se o sexo é, ele próprio, uma categoria tomada em seu gênero, não faz sentido definir o gênero como a interpretação cultural do sexo” (BUTLER, 2003, p. 25). A autora coloca em discussão essa (des)construção sexo/gênero chamando ao diálogo Simone de Beauvoir, Monique Witting e Luce Irigaray junto a Michel Foucault no livro que estamos analisando. Butler comenta que para Beauvoir, por exemplo, em “O segundo sexo”, com a célebre frase “a gente não nasce mulher, torna-se mulher”, a autora sugere que o gênero (feminino) é, então, construído, de maneira que se assume ou se apropria desse gênero. Porém, o que Butler chama atenção nesta afirmação é que não há nada na explicação de Beauvoir que garanta que o “ser” que se torna mulher, seja necessariamente uma fêmea.

Dessa forma, apesar do gênero não ser apenas um atributo individual, somente o gênero feminino é marcado, assim como em Simmel. Para Beauvoir as mulheres são construídas e designadas como sendo “o outro”, como as mulheres sendo o negativo dos homens. Já para Irigaray, há a exclusão das mulheres nesta via onde o “sexo” feminino é um ponto de ausência linguística, ou seja, ao contrário de Beauvoir e de Witting, que afirmam que o gênero feminino é marcado, ao passo que o masculino não o é. A autora (Irigaray) afirma que o feminino jamais poderia ser a marca de um sujeito, ou seja, Beauvoir assevera que o corpo feminino é marcado pelo discurso masculinista, e o masculino, por ser construído como universal, permanece não marcado, ao passo que, aqui de maneira muito resumida, Irigaray sugere que tanto o marcador, quanto o marcado são mantidos dentro de uma significação masculinista onde o corpo feminino é separado do que se tem como significável.

“A análise de Beauvoir levanta implicitamente a questão: mediante o ato de negação e renegação posa o masculino como uma universalidade descorporificada e é o feminino construído como uma corporalidade renegada? A dialética do senhor e do escravo, aqui plenamente reformulada nos termos não recíprocos da assimetria de gênero, prefigura o que Irigaray descrevia mais tarde como a economia significante masculina, a qual inclui tanto o sujeito existencial como o seu Outro” (BUTLER, 2003, p. 31).

Witting concorda com Foucault e com as ideias de Beauvoir quando afirma que a categoria sexo no caso de uma ruptura da hegemonia heterossexual. A categoria do sexo é, para essa autora, sob as condições de heterossexualidade compulsória, sempre feminina e tendo o masculino desta forma, não marcado, pois é universal. Para Beauvoir, como para Witting,

“a identificação das mulheres como o ‘sexo’ é uma fusão da categoria das mulheres com as características ostensivamente sexualizadas dos seus corpos e, portanto, uma recusa a conceder liberdade autonomia às mulheres, tal como as pretensamente desfrutadas pelos homens. Assim, a destruição da categoria do

sexo representaria a destruição de um atributo, o sexo, o qual, por meio de um gesto misógino de sinédoque, tomou o lugar da pessoa, do cogito autodeterminador. Em outras palavras, só os homens são ‘pessoas’ e não existe outro gênero senão o feminino” (BUTLER, 2003, p. 41, 42).

Deixaremos a categoria da heterossexualidade para outro espaço já que a discussão de gênero é o foco principal aqui, junto à violência que estas relações causam, e, nem de forma despretensiosa daremos conta de todo esse debate. Seguimos com Butler quando diz que “o gênero é uma complexidade cuja totalidade é permanentemente protelada, jamais plenamente exibida em qualquer conjuntura considerada” (BUTLER, 2003, p. 37). Ou em outras palavras, o gênero é o índice linguístico da oposição política entre os sexos. “E gênero é usado aqui no singular porque sem dúvida não há dois gêneros” (Idem, ibidem, p. 42). Há somente um: o feminino, o ‘masculino’ não é um gênero e sim, o geral, universal.

As possibilidades interpretativas acima mencionadas sobre o conceito de gênero não se exaurem nas alternativas sugeridas, ao contrário, instigam-nos a pensar cada vez mais sobre isso. Nesse caminho, ainda que tenhamos muito a dialogar conceitualmente, porém, no próximo item buscaremos tencionar estas diferenciações e a questão social da violência de gênero, mais precisamente no município (Cáceres/ MT) em que vivemos.

4 | POSSÍVEIS DIÁLOGOS ENTRE ÍNDICES DE VIOLÊNCIA DE GÊNERO E MASCULINIDADE HEGEMÔNICA

A masculinidade entre nós é letal, morremos de masculinidade, matamos por masculinidade, para afirmá-la, por afirmá-la. A masculinidade, tal como é pensada e praticada entre nós, investe na afirmação da agressividade, da competição, da força, da valentia, do heroísmo, da coragem como valores culturais a ser cultivados e exaltados (Durval Muniz de Albuquerque Júnior - máquina de fazer machos).

Sabemos o quão complicado é trazer ao diálogo Simmel e Butler junto a índices de violência. Há, porém a intenção apenas de despertar inquietações e discussões relacionadas a estes índices locais e temporais de violência em debate com o processo de construção do que é tido como masculino e feminino. Isso, de maneira direta, implica em entendermos o processo histórico discutido nas primeiras partes do trabalho.

Para os homens, como para as mulheres, a educação se faz por mimetismo. Ora, o mimetismo dos homens é um mimetismo de violências. De violência inicialmente contra si. A guerra que os homens empreendem em seus próprios corpos é inicialmente uma guerra contra eles mesmos. Os índices de suicídios, em homens, no Brasil serem bem maiores do que os números entre as mulheres, diz-nos muito disto. Depois, numa segunda etapa, é uma guerra com os outros (os outros, são mulheres, a comunidade LGBTQ+ e, os homens negros).

Corbain, Courtine e Vigarello (2013) falam em suas discussões que homens

devem ser fortes, mais ainda, devem se mostrar fortes. Em suas palavras, os autores afirmam que

“Alguns homens, em nome da virilidade explícita ou implícita, são levados, ou seja, procuram continuamente colocar o outro (que pode não ser só mulher), numa posição de fraqueza, física ou mental quer se trate da violência, mais psíquica, da dominação insidiosa, ou da violência física e psíquica das ‘personalidades autoritárias’ as quais estes constroem em nome da virilidade” (COURBAIN, COUTINE E VIGARELLO, 2003, p. 29).

Falando da realidade local, no município de Cáceres (cidade com cerca de 70 mil habitantes), em 2015, segundo índices de violência criminal, expedido pelo comandante daquele momento, do 6º CR de Cáceres-MT, em boletins de ocorrência registrados no município, naquele período, as naturezas de agressão\Vias de Fato: tiveram 14 registros; Ameaça: 74 registros; de Lesão Corporal 92 registros e em crimes cometidos de homens em mulheres Agressão\Vias de fato:12 registros; Ameaça: 44 registros; Lesão Corporal: 115 registros; Assédio Sexual: 01; Estupro: 05; Estupro de Vulnerável: 06. Isso **nos quatro primeiros meses** do ano (grifo da autora).

Esses dados mostram que os índices de violência contra as mulheres é muito alto e chega a ser alarmante, pois em determinadas naturezas, o número de casos de violência de homens para mulheres é maior que no geral, principalmente quando se trata de violência doméstica que dependendo do dia da semana, chega a ter várias denúncias desse tipo de violência (curiosamente, a delegacia especializada em violência contra as mulheres, fecha aos finais de semana, dias que têm maiores número de denúncias).

Segue, o documento que nos foi disponibilizado à divulgação e análise. Não tendo, posteriormente, acesso à atualização dos mesmos.



ESTADO DE MATO GROSSO
POLÍCIA MILITAR
6º COMANDO REGIONAL

Of. Nº 046/2015-DPOE

Cáceres-MT, 17 de abril de 2015.

A Senhora
Adriana Nolibos Baccin
Professora do Curso de Educação Física - Unemat
Nesta

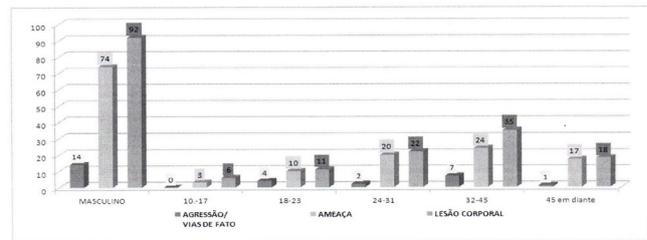
Assunto: Índices de violência criminal.
Ref: Ofício nº 064/2015-CEF

Senhor Coordenadora,

Em atendimento ao ofício em referência, informo-vos os dados referentes aos atendimentos de ocorrências atendidas por este Batalhão, no período de janeiro a 17 de abril de 2015:

a) Suspeitos masculinos:

NATUREZA	MASCULINO	IDADE				
		10-17	18-23	24-31	32-45	45 em diante
AGRESSÃO/ VIAS DE FATO	14	0	4	2	7	1
AMEAÇA	74	3	10	20	24	17
LESÃO CORPORAL	92	6	11	22	35	18



3505

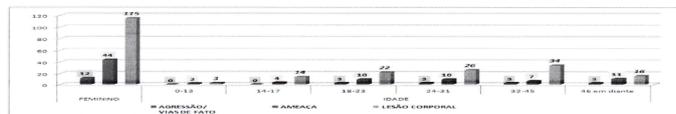
Avenida Sete de Setembro, nº 588 – Centro – Cáceres MT
Cep 78200-000 – Fone (65) 3223-1441 e fax (65) 3223-1261
E-mail: planejamento6cr@gmail.com



ESTADO DE MATO GROSSO
POLÍCIA MILITAR
6º COMANDO REGIONAL

b) Vítimas femininas atendidas pela Polícia Militar:

NATUREZA	FEMININO	IDADE					
		0-13	14-17	18-23	24-31	32-45	46 em diante
AGRESSÃO/ VIAS DE FATO	12	0	0	3	3	3	3
AMEAÇA	44	2	4	10	10	7	11
LESÃO CORPORAL	115	3	14	22	26	34	16



Atenciosamente,

Alessandro Ferreira da Silva
Alessandro Ferreira da Silva – Cel PM
Comandante do 6º CR

3505

Avenida Sete de Setembro, nº 588 – Centro – Cáceres MT
Cep 78200-000 – Fone (65) 3223-1441 e fax (65) 3223-1261
E-mail: planejamento6cr@gmail.com

A violência de gênero não se desvincula da construção/naturalização em relação ao que se tem como masculinidade hegemônica. O “poder” criado por esse modelo de viver a masculinidade é que leva tantos casos de violência contra a mulher

ser cotidiano. Os números são assustadores, as violências são de todos os tipos, a dor, a vergonha e a submissão ainda fazem parte da realidade de muitas mulheres e, majoritariamente, em relação aos homens (muitos seus - ex- parceiros e/ou familiares).

Deixamos aqui de falar de outros modelos, em especial das masculinidades tidas como subordinadas, como podemos evidenciar nos estudos de Connell & Messerschmidt (2013, p.245). A masculinidade hegemônica não se assumiu normal num sentido estatístico; apenas uma minoria dos homens talvez a adote. Mas certamente ela é normativa. Ela incorpora a forma mais “honrada” de ser um homem, ela exige que todos os outros homens se posicionem em relação a ela e legitima ideologicamente a subordinação global também das mulheres aos homens.

Connell & Messerschmidt (2013) em seus estudos acerca de masculinidades hegemônicas e não hegemônicas afirmam que é possível inferir que padrões múltiplos de masculinidade têm sido identificados em muitos estudos, em uma variedade de países e em diferentes contextos institucionais e culturais. O conceito de masculinidade hegemônica presume a subordinação de masculinidades não hegemônicas, e esse é um processo que agora tem sido documentado em muitos contextos, em nível internacional.

Considerar a masculinidade e os homens objetos específicos dos estudos da masculinidade acarreta consequências teóricas e políticas sérias. Teoricamente, ao trabalhar a partir de uma divisão ingênua entre masculinidade e feminilidade, não incorpora as severas críticas das políticas de identidade, a complexificação do estudo de objetividade e a centralidade das reflexões sobre as relações de poder que configuram os objetos que se relacionam diretamente a sexo, a gênero ou a ambos (MEDRADO & LIRA, 2008).

A mudança de pensamento sobre masculinidade(s)/relações de gênero alcançada pelos movimentos dos anos 70/80 do século passado, é irreversível. O reconhecimento da historicidade de gênero, de seu caráter histórico, constitui agora um pressuposto estabelecido. Mesmo xs conservadorxs que se transferiram para esse terreno estão envoltos em um pensamento histórico sobre a(s) masculinidade(s). Elxs aceitam o fato da transformação social do gênero, embora o deplorem ou tentem revertê-lo. Mas se há a discussão, há o reconhecimento do movimento que resiste a essas formas fixas e únicas do ser homem e do ser mulher (enquanto verbo). Essa consciência histórica constitui a característica distintiva da política da masculinidade contemporânea e o horizonte do pensamento contemporâneo sobre a masculinidade.

Welzer-Lang (1988, 1991) tem amplo estudo sobre masculinidades, dominação e violências. O autor chama de violências múltiplas e variadas as quais considera desde as violências masculinas domésticas aos estupros de guerra, passando pelas violências no trabalho, as quais acercar-se a preservar os poderes que se atribuem coletivamente e individualmente os homens à custa das mulheres. Os homens violentos, para o autor, definem a violência que eles exercem sobre sua companheira, como dizíamos a cima, como um *continuum* de violência física, psicológica, verbal, sexual, associada

a uma intenção. Intenção esta de dizer, de exprimir um sentimento, um desejo ou uma vontade. “Era para lhe dizer, lhe mostrar”, eles dizem. Ainda na pesquisa do autor, pelo menos aquelas que não foram conscientizadas pela intervenção feminista – definem a violência como um *discontinuum* essencialmente composto por violência física. As violências físicas o autor define de forma restritiva, como golpes dados com a mão ou com o pulso fechado (até com o pé), associados à intenção de fazê-las sofrer.

Atualmente, há um grande movimento contrário em relação ao binarismo masculino/feminino. Muitas mulheres e homens, *cis* ou *trans* estão lutando por direitos iguais e essa luta, porém, vem causando uma enorme resistência, violência pelo não entendimento por parte da sociedade construída masculina/machista. O masculino e o feminino, o homem e a mulher, o “outro”, o meio termo, xs fora dos termos fixos, xs que não se encaixam, procuram legitimadamente ocupar posições de igualdade na sociedade e isso reflete diretamente na violência e na resistência que temos vivido.

Com os poucos dados fornecidos, vimos o quanto a violência está presente nos homens em relação às mulheres e o quanto necessitamos, cada vez mais, continuar na luta por direitos iguais para qualquer pessoa; fomentar debates dentro e fora da academia em relação às construções de masculinidades plurais, ou seja, discutir relações de gênero e o quanto essas construções engendram e reproduzem todos os tipos de violências, sejam elas física, psicológica, simbólica e sexual; denunciar e buscar conscientizar através do diálogo, pessoas próximas de nós e a comunidade a qual vivemos.

REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão de identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2003.

CONNELL, Rawein. Políticas de masculinidades. **Educação e Realidade**. Jul./dez. 1995; 20 (2): 185-206. Tradução Tomaz Tadeu da Silva.

CONNELL, Raewyn. **Gender and Power: Society, the Person and Sexual Politics**. Sydney, Allen & Unwin; Cambridge, Polity Press; Stanford, Stanford University Press, 1987.

CORBEIN, Alain; COURTINE, Jean-Jaques; VIGARELLO, Georges. **História da Virilidade**. Tradução de Noéli Correia de Mello Sobrinho e Thiago de Abreu e Lima Florêncio. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I**: a vontade de saher. Trad. M.T. C. Albuquerque e J. A. G. Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1977.

MEDRADO, Benedito; LYRA, Jorge. Por uma matriz feminista de gênero para os estudos sobre homens e masculinidades. **Revista dos Estudos Feministas**, Florianópolis, 16 (3): 424, setembro - dezembro, 2008. P. 809 a 839.

PRECIADO. MULTIDÕES QUEER – **Notas para uma política dos “anormais”**. Beatriz agora B. Paul Preciado. Texto online encontrado em <https://antropologiadelaideoutraforma.files.wordpress.com/2013/04/preciado-multidc3b5es-queer.pdf>. Acessado em 12 de abril de 2016.

SIMMEL, Georg. **Filosofia do Amor**. Tradução de Eduardo Brandão; revisão de tradução de Paulo

Neves. 3ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

WELZER-LANG, *Daniel*. **Le viol au masculin**. Paris: L'Harmattan, 1988.

_____. **Les hommes violents**. Paris: Lierre et Coudrier, 1991.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Arte 83, 186, 187, 188, 189, 191, 192, 193, 194

Autobiografia 186, 190, 192

B

Bio-Tanatopolítica 152, 157

C

Câmara dos Deputados 89, 94, 112, 117, 118, 119, 120, 126, 127, 177

Cidadania 16, 22, 23, 24, 25, 46, 47, 63, 92, 132, 133, 135, 138, 145, 158

Cultura 4, 18, 20, 21, 22, 25, 29, 51, 53, 54, 55, 59, 60, 65, 68, 70, 79, 80, 82, 83, 84, 85, 86, 95, 98, 100, 101, 102, 104, 106, 108, 109, 110, 117, 137, 148, 153, 160, 170, 171, 188, 191, 195

D

Direito à cidade 129, 130, 132, 135, 136, 137, 138

E

Educação 7, 9, 15, 16, 17, 18, 23, 24, 25, 26, 38, 42, 43, 44, 50, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 69, 73, 77, 82, 95, 97, 98, 99, 111, 127, 131, 136, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 154, 185, 195

Educação Especial 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 149, 150

F

Fé 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 110, 184

Feminismo 67, 68, 77, 79, 85, 99, 169, 172, 184

G

Gênero 1, 4, 6, 8, 9, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 52, 53, 54, 60, 61, 64, 65, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 75, 76, 77, 79, 91, 97, 98, 99, 116, 130, 136, 137, 138, 139, 147, 153, 160, 161, 162, 165, 166, 167, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 188, 191, 193

Georg Simmel 67, 68

H

História 3, 4, 12, 14, 28, 35, 36, 37, 47, 56, 64, 66, 71, 77, 81, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 92, 100, 101, 104, 105, 110, 111, 117, 133, 138, 157, 158, 162, 171, 174, 175, 182, 184, 186, 187, 194, 195

HIV/Aids 27, 28, 29, 30, 31, 35, 36

Homossexualidade 161, 162, 169, 186

I

Inclusão 13, 30, 63, 65, 93, 117, 140, 141, 142, 143, 144, 146, 147, 149, 150, 154, 157, 159, 165, 169, 181

Invisibilidade 1, 35, 83, 138

J

Judith Butler 67, 68, 191

L

Literatura pós-colonial 79, 84

Lutas feministas 129, 133

M

Mães 79, 80, 82, 83, 86, 88

Masculinidade hegemônica 20, 67, 70, 73, 75, 76

Morro da Conceição 100, 101, 103, 104, 105, 107, 108, 109, 111

Movimentos Sociais 98, 132, 137, 138, 152, 165, 175, 183, 185

Mulher 1, 4, 5, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 14, 22, 25, 32, 33, 51, 52, 66, 68, 69, 71, 72, 74, 75, 76, 77, 81, 82, 83, 85, 91, 92, 93, 95, 97, 130, 133, 134, 135, 136, 137, 160, 162, 163, 164, 170, 171, 172, 174, 179

Mulheres na cidade 129, 130, 133, 135

N

Narrativa 163, 173, 186

Necropolítica 152

P

Poder Legislativo 112, 127

Prisão 1, 2, 3, 4, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 14, 41, 42, 43, 113, 163

R

Representação política 90, 93, 94, 97, 99, 112, 116, 128, 185

Representação política de minorias 112

S

Sala de Recursos 140, 146, 150

Sexualidade 22, 35, 36, 37, 77, 157, 160, 167, 169, 171, 172, 174, 176, 180, 183, 186, 192, 193, 194, 195

Sorodiferença 28, 29, 31, 32

T

Teoria Queer 67, 68, 71

Territorialização Perversa 38

Trânsito 16, 17, 18, 19, 22, 23, 24, 25, 26

Transvestigeneres 152, 169, 172, 176, 179, 181

U

Uso de Drogas 38, 39

V

Violência 1, 7, 10, 11, 15, 22, 23, 38, 39, 41, 42, 43, 46, 47, 52, 58, 60, 63, 64, 67, 68, 69, 70, 73, 74, 75, 76, 77, 81, 87, 97, 134, 135, 137, 139, 153, 159, 163, 166, 186, 191

Violência de gênero(s) 52, 67, 68, 69, 73, 75

 **Atena**
Editora

2 0 2 0